

Índice

A casa	7
Nesta família não há segredos!	9
Unha com carne	23
Resistência	41
Todos os patos e os peixes juntos	53
Poca Pena	69
O tio Óscar	87
Pelo menos cento e oitenta anos	103
Aqui em sete fragmentos	113
Nesta altura	127
Perguntar mancha	151
Boas pessoas	161
Contra a domesticação	179
A frincha	187

A CASA

Olha para ela com o olho do sonho. O corredor como centro geográfico e fronteira. Quartos dos dois lados. Percorre-o sem seres vista, de uma ponta à outra. Ou atravessa-o, de um quarto para o outro, de um salto. Atreve-te a entrar. Se calhar já há alguém lá dentro, não sabes. Caso haja, bico calado, recua. Caso contrário, não puxes o ferrolho. Não há ferrolho.

Olha bem para ela, antes de acordares. Os pontos cegos e os esconderijos. Palavras que significam precisamente o contrário do que aparentam, manhosas. O pente que traça a ordenada risca ao meio e os cabelos emaranhados debaixo do colchão. A porta do armário que não fecha de todo. A frincha que resta. Os olhos que espiam.

Não deixes de olhar, agora que a tens diante de ti, ardendo por trás das pálpebras. Calcula quantos passos há de um canto até ao seu oposto. Fá-lo com precisão, é importante. Capta as diferenças entre o clique da maçaneta ao fechar e o clique ao abrir. Identifica o ronronar do telefone precisamente antes do primeiro toque. Ajusta o volume da tua voz na resposta, modula com cuidado o fingimento.

Vê como entra a luz pelos vidros e ilumina a madeira de pinho dos móveis. Vê como ressalta e se lança contra a parede de gotelé, como cintila no espelho do santuário matrimonial, como se fragmenta e torna a escapar-se pela varanda, célere e ousada. Vê como se derrama sobre os gerânios, húmida e fresca, a caminho da rua proibida, dos passeios enlameados, dos cães vadios e da cerveja gelada que se deve tomar lá fora, nunca dentro.

Olha com atenção, mas não digas nada.
Olha só e aprende.

NESTA FAMÍLIA NÃO HÁ SEGREDOS!

— Nesta família não há segredos! — disse o Pai.

Agitava na mão o caderno de Martina, um caderno com cadeado que ela tinha comprado às escondidas dias antes, de capas cor-de-rosa e pássaros estampados com as asas abertas ou fechadas consoante o seu lugar na composição.

Martina ocultava a chave do cadeado. Nem sob tortura lha darei, pensou.

— Que eu saiba, ninguém te proibiu de escrever um diário, nem a ti nem aos teus irmãos — disse o Pai. — Mais ainda, parece-nos muito bem que vocês se expressem sem peias, é um precioso exercício pessoal. Por isso não percebo. De onde vem essa desconfiança? Achas de facto, Martina, que a tua mãe ou eu vamos ler o teu diário sem autorização?

Martina disse que não, primeiro com a cabeça e a seguir, com visível falta de sincronia, falou.

— Não.

— Então, porquê tanto mistério? Um diário secreto! É que até a própria ideia do cadeado já é ofensiva! — Franziu o rosto para mostrar a sua dor.

— Mas, papá, o caderno já vinha com o cadeado, não fui eu que lho pus. Do que eu gostei foi do desenho dos pássaros. Por isso é que o comprei, não pelo cadeado.

— Pelo desenho?

— Pelos... Bom, são pombas, não? Pombas às cores. Andorinhas?

O Pai sorriu. Um sorriso ténue, introspectivo, que marcava uma mudança. Martina soube o que iria acontecer a seguir. Ia-se pôr a andar de um lado para o outro, suavizaria o tom das suas palavras — a zanga dando lugar ao impulso de compreensão, de conciliação, etc. — e acabaria por se aproximar dela, dando-lhe até uma amorosa palmadinha na cabeça, como de facto fez.

Contradizia-se, disse. Ela própria se contradizia dando tão pouca importância ao cadeado e, no entanto, usando-o. Porque devia ser incómodo abrir e fechar o diário de cada vez que escrevesse nele, com aquela chavinha minúscula... Aproximou o caderno dos olhos, franziu as sobrancelhas. Que burquinho tão pequeno, disse como para si. Para não falar, claro, de que guardava o diário debaixo do colchão. Como podia ela justificar aquilo?

— Martina, Martina, quando é que acabarás por confiar em nós? Algum dia terás que aceitar que começou uma nova etapa na tua vida. Uma etapa melhor, sem escuridão, sem medo.

Graças às vantagens dessa nova vida, a que dedicou tão belas palavras, o Pai esqueceu-se de lhe pedir a chave. Mas pediu-lhe que não a usasse mais. Por favor. Da próxima vez que escrevesse no seu diário, disse, podia deixá-lo sem fechar onde lhe apetecesse, por exemplo na mesa da sala de jantar ou sobre a bancada da cozinha, ao alcance de qualquer um.

— Garanto-te que ninguém o vai ler.

Fez uma pausa, acariciou pensativamente o queixo.

— Mas devias lembrar-te de uma coisa. Uma coisa é o desejo de manter a nossa intimidade a salvo, o que é perfeitamente compreensível, e outra é andar com segredos. Os segredos nunca são bons. Pelo contrário, são nocivos, usam-se para ocultar coisas feias. Senão, porque é que seriam segredos? É melhor não termos nada que ocultar, avançar com a cabeça bem alta e não nos escondermos.

— Mas eu não me escondo...

— Ainda bem, porque, para te ser sincero, eu adoraria ler o que tu escreves. — Levantou a palma da mão, fez uma pausa. — Sempre e quando tu quiseres, hem? Sem pressões. O que te apetece mostrar-me. Seja o que for. Eu não te vou julgar. Sei que vens de um lugar difícil, mas esse passado já ficou para trás. As coisas mudaram, Martinita, vamos lá ver quando é que percebes isso.

Martinita. Nunca ninguém lhe chamava assim, excepto o Pai, em situações como aquela, e às vezes o pequeno Aquilino, mas ironicamente, só para a provocar.

No beliche de baixo, Martina abriu, provavelmente pela última vez com a chave, o seu caderno dos pássaros. Rosa, na cama de cima, lia um livro que o Pai lhe tinha recomendado. Ela seguia sempre os conselhos do Pai com uma obstinação forçada, quase raivosa. O livro não era de ficção — era difícil pensar que o Pai pudesse considerar útil uma obra de ficção —, era um manual de astronomia adaptado à sua idade, dez anos. Rosa passava as páginas rapidamente, como se a leitura estivesse a apaixoná-la.

— Estás só a olhar para os desenhos — disse Martina. — Reconhece que te estás a aborrecer.

— Não.

— Não te aborreces ou não o reconheces?

— Nem uma coisa nem outra.

Rosa deitou a cabeça por cima da beira do beliche.

— Podes não acreditar, mas adoro a astronomia. Sei uma data de coisas sobre a lua e o sol e os planetas. Aposto que não sabes porque é que a nossa galáxia tem forma de espiral. E a Via Láctea? Porque é que se chama assim? Sabes? Aposto que não.

Sem responder, Martina ia arrancando folhas do seu caderno. Rasgava-as em quatro, em oito pedaços, que ia pondo na beira da cama, formando um montinho com muito cuidado.

— Porque é que fazes isso? — perguntou Rosa.

Martina respondeu com voz de falsete.

— Pirqui ni quiri qui o lian, pirqui havi di sir?

Rosa voltou para o seu lugar; deitada de costas, suspirou. Fazia frio mas ainda não lhes era permitido acender o calorífero. O Pai tinha dito que antes das oito a electricidade era muito mais cara e que podiam passar perfeitamente com camisolas térmicas e camisolas de lã. Não é que estivessem mal de dinheiro — precisamente na véspera, ao almoço, o Pai contara que tinha conseguido dois novos clientes para o escritório, duas aquisições, tinha dito, muito importantes —, era só, como bem sabiam ambas, uma questão de austeri-